

O que é, afinal, biodiversidade?

É a palavra que mais se ouve na Conferência do Rio e tem uma definição muito simples

Rio - Depois de circular em suas infinitas variações, e que mais se ouve falar na Rio-92 é a palavra biodiversidade. É o futuro do planeta em discussão, mas muita gente não sabe o que é e por que há tanta polêmica sobre o tema. A definição é muito simples, e o conjunto dos seres vivos da Terra, as espécies e os ecossistemas. Os maiores detentores de biodiversidade são os países tropicais — a imensa maioria do Terceiro Mundo. E quem tem a maior capacidade tecnológica e industrial para desenvolver produtos a partir desta biodiversidade são os países industrializados. E aí começa a briga.

O Atlas da Conservação Internacio-

nal, entidade ambientalista fundada há cinco anos nos Estados Unidos especializada na proteção de espécies ameaçadas de extinção, registra alguns dados interessantes. Um relatório aos animais, os cinco países com maior diversidade mamífera são, pela ordem, Indonésia, México, Brasil, Chile e Zaire. Os com maior diversidade de aves são Colômbia, Peru, Brasil, Índia e Equador. Com relação aos répteis, a ordem é México, Austrália, Indonésia, Brasil e Índia. Aos anfíbios, Brasil, Colômbia, Equador, México e Índia. Acrescentando-se a estes China e Malásia, certamente estará representado neste universo quase todo o mapa da biodiversidade do planeta.

Estes países queixam-se de não receber nada em troca do que é tido do seu patrimônio. Daí surgiu a necessidade de uma convenção para estabelecer um quadro em que fosse possível um certo equilíbrio no relacionamento entre os dois lados. O texto foi negociado durante quase dois anos e transformou-se num documento que divide os países. A convenção já foi aberta à assinatura, mas os Estados Unidos relutam em aderir a ela.

O chanceler brasileiro Celso Lafer insiste: não há motivo para isso. Ele afirma que todas as reivindicações norte-americanas foram contempladas, inclusive em relação à biotecnologia,

a outra ponta do problema, que traz uma carga grande de polêmica. A biotecnologia vai processar os frutos da biodiversidade e aí pode-se fazer a lista das experiências genéticas mais simples até as que hoje frequentam o universo da física científica. Para isso são também necessárias regras, que levem em conta a propriedade intelectual dos processos e produtos — outro ponto-chave da discussão que os Estados Unidos apontam como obstáculo para o consenso. Esta é, na avaliação do coordenador das posições brasileiras, embaixador Marcos Arambuja, o documento mais importante para o Brasil nesta conferência. (Letícia Borges — AE)

Lutzenberger vê conspiração na negociação da biodiversidade



Jose Lutzenberger

Rio - O ex-secretário nacional do Meio Ambiente, José Lutzenberger, classificou como "tentativa de conspiração" algumas das propostas defendidas pelos países industrializados na convenção sobre biodiversidade, aberta para assinaturas na Rio-92. Lutzenberger não quis comentar a posição brasileira nas discussões, mas disse que ficou preocupado com as declarações do seu sucessor, o secretário interino e Ministro da Educação,

José Goldemberg, favorável a uma aproximação com os Estados Unidos na questão das patentes. "Se essa é a proposta do Brasil, é um mau sinal", disse o ex-secretário.

Ele chamou a atenção para a necessidade de os países em desenvolvimento "desconfiarem" do que os ricos chamam de novas tecnologias, advertindo que muitas vezes essa expressão procura ocultar uma "conspiração". A grande ameaça para o Brasil

e os países pobres, segundo ele, seria o reconhecimento do direito de patente sobre seres vivos, proposta defendida pelos Estados Unidos, onde isso já acontece.

"Nos últimos 20 anos conseguimos impedir isso, mas é preciso tomarmos cuidado com as pressões que estão sendo feitas sobre o Congresso Nacional para a aprovação da nova lei sobre patentes", advertiu Lutzenberger. (AE)

Biodiversidade — ricos e pobres, opostos com o mesmo argumento

Evaristo E. de Miranda

Sejam claros. Detentores de grande parte da biodiversidade do planeta, os países tropicais desejam que o uso de suas espécies pelos desenvolvidos seja pago. Para eles, essas espécies naturais são como diamantes brutos. Têm valor intrínseco. Os desenvolvidos entendem que só depois de lapidadas elas teriam valor. Querem patentearlas no final dos processos de manipulação genética. Querem garantias de retorno financeiro na comercialização. Já os pobres países tropicais querem um "patenteamento" desde a origem. Essa é uma das polémicas que a convenção da biodiversidade aborda de forma insuficiente.

É bastante paradoxal, e até curioso, que esses mesmos países — desenvolvidos e subdesenvolvidos — estejam de acordo e em desacordo usando os mesmos argumentos. Os pobres são contra o patenteamento de novas substâncias e espécies vivas, obtidas por biotecnologia e pela manipulação genética. Um bom exemplo é a lei de pa-

tesentes que tramita neste momento no Congresso Nacional e que está suscitando uma grande oposição. Mas esses mesmos opositores são a favor do patenteamento da biodiversidade nativa. A posição dos desenvolvidos é rigorosamente oposta.

Radicalismos à parte, a Rio-92 poderia ser uma excelente ocasião para o início de uma negociação frutuosa. Natureza e tecnologia devem estar ao serviço de todos. Neste momento o Instituto Nacional do Câncer nos Estados Unidos está testando 3.000 substâncias de origem vegetal com evidências de serem eficientes no combate à doença. Dessas substâncias, mais de 2.500 são de origem tropical. A doença é mundial e todos necessitam de remédios mais eficazes. Numa negociação todos ganham. Quando só um lado sai vencedor, trata-se de imposição. A dimensão econômica e social das aplicações da biodiversidade trabalhada pela ciência e pela indústria é imensa. Se não houver acordo todos sairemos perdendo.

Evaristo E. de Miranda é cientista (AE)

Feira paralela mostra "casa ecologicamente correta"

São Paulo - Está em exposição em São Paulo, na Feira Internacional de Tecnologia Ambiental, a maquete de uma casa projetada de forma a preservar ao máximo o meio ambiente. Desenvolvido pelo professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Siegbert Zanertini, o Projeto Casa Limpa, como foi chamada, propõe uma casa que não agride o solo, trata seu próprio esgoto e usa formas de energia não poluentes. "É uma casa ecologicamente correta", define Zanertini.

O arquiteto optou por um sistema industrial para a construção da casa. Ela é formada por uma estrutura metálica e por vedações de aço ou madeira. "Isso evita o desperdício de material, permite maior rapidez e controle de qualidade da obra", afirma. Segundo ele, por meio desse sistema, é possível erguer a casa em 22 dias.

O projeto prevê ainda pouco contato da construção com a superfície do solo. Com isso, é possível manter a morfologia e as propriedades do terreno, além da vegetação remanescente. Além da preservação, o arquiteto preocupou-se, ao fazer o projeto, em adotar artifícios que evitassem o desperdício. Essa foi a razão que o levou a optar pelo sistema de saneamento seco. Nesse sistema, os dejetos são depositados em câmaras subterrâneas e, pela ação de bactérias, são transformados em fertilizantes. "Com esse método, há uma grande economia de água", diz. Segundo o arquiteto, cada vez em que a válvula da descarga é acionada, no sistema comum de esgotos, são usados cerca de 18 litros de água. (AE)